

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO*

*Advogado, professor universitário e membro
do Conselho Estadual de Cultura*

A partida de Dr. Alceu lança sombras sobre a liderança do laicato católico brasileiro. É uma sensação de ausência substantiva que vivemos. Joga na orfandade aqueles que foram penetrados e guiados pela grande figura humana de Alceu Amoroso Lima.

Pode ser lugar comum o panegírico derradeiro. Muita vez, a exegese de procedimentos semelhantes em tantas vacâncias indica o repetir do mesmo sino, dobrado no luto da alma. Aqui, na luminosidade que sai de Dr. Alceu, o que autentica o sentimento unânime de orfandade é mais o lembrar permanente do que o esquecer episódico. Lembrança permanente porque a espiritualidade de Dr. Alceu fica conosco até mesmo inconscientemente. Identificamos no seu caminho, caminhado com fé, amor e devoção, o norte da generosidade, e com ele melhor serviremos ao ensinamento de Jesus Cristo. Somos a Igreja na dimensão humana oferecida por um combatente do bom combate, por aquele que se pôs a construir pelo próprio exemplo a verdadeira cidade de Deus.

Lanço os olhos pela geração de agora e me angustio com a possibilidade de ficar na escuridão. Vendo a humanidade atormentada, sofrida, chorada, vilipendiada, humilhada, sinto bem lá no fundo o quanto ainda precisamos fazer para transmitir com maior intensidade a presença do Senhor entre nós. Deus não está morto. Ele vive porque é a luz que nos arrebatava e conduz. É essa a direção da paz. E só nessa estrada afastaremos a solidão de uma sociedade consumista além do espetáculo, falaciosa e falsamente libertada, medíocre na medida em que funcionaliza o próximo e deixa abandonado o jardim do espírito.

É essa brutal, gelada e terrificante crise de identidade do homem que desagrega as sociedades. O homem só, corroído pelo desemprego, pela fome, pela miséria, não tem salvação. Ele vive, assim, sob o primado da tristeza. A humanidade quer ser feliz e não sabe por onde começar. E as elites, empobrecidas pelo culto desmedido aos bens materiais, estreitam o horizonte do tempo vivido e inviabilizam qualquer saída.

O que marca o doloroso avanço do conhecimento científico e tecnológico é a sua estrutura baldia de conteúdo humano. Em certo sentido, é um avanço para a destruição da pessoa humana. A perspectiva é perdida na valorização do exterior do indivíduo, na aparência das coisas. E tudo se explica pela sofreguidão de ter mais. Para que ter mais, se continuarmos sendo menos?

Fazer o combate de São Paulo, completando a jornada e guardando a fé, não significa pura e simplesmente eleger a prioridade do transcendente. O transcendente é o patamar da felicidade; é o encontro com o Criador; é, pois, essencial. E é por aí que nos tornamos mais fortes para adotar as prioridades do temporal. Assim iluminados faremos a passagem correta do saber para a sabedoria, e por meio dela alcançaremos a sensação de fraternidade e de solidariedade: somos irmãos.

A transição do coexistir para o conviver não pode ser realizada sem essa luz forte que nos revela o próximo, a sua igualdade conosco, o seu direito a ser como nós. E começa, então, a nossa jornada repleta de esperanças para a promoção do homem e de todos os homens. E começa, também e particularmente, a nossa luta por uma sociedade mais justa e mais feliz. Essa luta leva todos nós e cada um de nós a dar as mãos aos oprimidos, aos injustiçados, aos pobres, aos que nada tem, aos famintos, aos desempregados, aos doentes, aos democratas que lutam pela liberdade contra aqueles que a querem adormecida. O agir solidário nos

transformará, pois que nos ensinará a viver a nossa responsabilidade de pessoas humanas e o nosso dever moral de cidadãos.

Que belo legado de luz nos deixa Dr. Alceu. E nos deixa ainda um testemunho de sua grandeza. Pouco antes de partir, compreendendo a sua vida como missão, ele olhou mais adiante na passagem do seu bastão. Na alegria em que transformou o seu próprio sofrimento, deixou sobre Cândido Mendes a assustadora e árdua responsabilidade de seguir o caminho, sem parada ("Agora vá", disse Dr. Alceu), e sem temor ("Ninguém é perfeito", asseverou). Quem melhor do que Cândido para subir os degraus da liderança do laicato católico? Audaz, generoso, lúcido, combatente, Cândido Mendes manterá a janela aberta, a casa aconchegante, a bússola sob controle. E por ele a voz da liberdade se fará ouvir no mesmo diapasão do equilíbrio, da firmeza, da coragem, da dignidade. E as sombras serão afastadas.

Quem ouviu esse depoimento último, carregado de amor, não tem dúvida de que Dr. Alceu tinha na alma as palavras do velho Simeão, depois de ver o Messias: "Nunc dimittis servum tuum, Domine" ("Agora, Senhor, despede o teu servo").